



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

MAPA DA INTERDISCIPLINARIDADE: METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Bianca Silva Souza¹

Marilúcia Rosa²

Rosa Mariana Costa Batista³

Vinícius Santos Cardoso⁴

Ivaneide Almeida da Silva⁵

RESUMO

Este trabalho analisa a experiência de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFSB – Edital 24/2024) que acompanharam atividades de ensino nos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal da Bahia, Campus Porto Seguro (IFBA-PS). Apresentaremos uma metodologia de ensino de História que utiliza mapas como recurso pedagógico, buscando desenvolver o raciocínio geográfico, que proporciona o entendimento de diferentes processos territoriais para os variados contextos históricos. A experiência evidenciou que tal abordagem favorece a compreensão das dimensões espaciais e temporais do conhecimento histórico, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e significativa. A proposta interdisciplinar, que articula História e Geografia, tem como objetivo principal conectar fatos históricos à sua localização geográfica. Utilizando mapas físicos e temáticos, a metodologia vai além da simples descrição de locais, permitindo aos estudantes analisarem como as condições naturais influenciam aspectos econômicos, políticos e culturais de civilizações antigas, como os fenícios, hebreus e persas. O uso de recursos cartográficos insere-se no contexto das metodologias ativas, incentivando a autonomia intelectual dos estudantes. Como resultado, o trabalho com mapas se consolida como uma ferramenta essencial para o ensino de História, contribuindo para o desenvolvimento de competências como a leitura crítica, a interpretação de dados e a construção de narrativas históricas mais amplas e fundamentadas.

Palavras-chave: Ensino de História, Cartografia, Interdisciplinaridade, Mapas.

INTRODUÇÃO

O uso de mapas no ensino de História apresenta-se como uma estratégia didática eficaz para a construção do pensamento histórico e a compreensão dos processos sociais, a partir,

¹ Licencianda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, bolsista PIBID/UFSB, bianca.souza@gfe.ufsb.com;

² Licencianda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, bolsista PIBID/UFSB, mariluciarosa30@gmail.com;

³ Licencianda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, bolsista PIBID/UFSB, rosamarianasantana@gmail.com;

⁴ Licenciando do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, bolsista PIBID/UFSB, viniciusufsb2020@gmail.com;

⁵ Professora orientadora/supervisora PIBID-UFSB. Doutora (UFSB). Professora no Instituto Federal da Bahia, Campus Porto Seguro. E-mail: neidinha.almeida@ifba.edu.br.



também do território, além de desenvolver o raciocínio geográfico, importante para o estudo e o aprendizado da História. Ao utilizar as representações cartográficas nas aulas de História, é oferecido aos estudantes, não apenas um recurso visual de localização espacial, mas também uma ferramenta que possibilita compreender a dinâmica territorial das relações entre povos, territórios e culturas ao longo do tempo. Os mapas permitem visualizar deslocamentos populacionais, processos de colonização, conflitos geopolíticos, transformações econômicas e mudanças ambientais, tornando o aprendizado mais concreto e significativo. Além disso, favorecem a interdisciplinaridade, ao dialogarem com a Geografia e outras áreas do conhecimento, contribuindo para que os estudantes desenvolvam habilidades de leitura crítica, interpretação de fontes e análise das permanências e rupturas históricas no espaço.

No contexto do Ensino Médio, o uso de mapas no ensino de História oferece um campo fértil para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, estimulando competências previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a interpretação crítica de fenômenos espaciais e temporais. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), o ensino de História deve promover a compreensão das relações entre sujeitos, culturas e espaços, favorecendo a análise das permanências e transformações sociais em diferentes temporalidades. Nesse sentido, os mapas se configuram como instrumentos que ampliam o entendimento sobre um evento histórico, permitindo que os estudantes relacionem eventos históricos a territórios específicos, visualizem processos de ocupação e mobilidade, compreendam disputas de fronteiras e entendam os efeitos da ação humana sobre o espaço.

Raciocínio geográfico é um conceito útil e uma habilidade ainda mais útil para a compreensão de eventos históricos. Cavalcanti (2012) destaca que o raciocínio geográfico é construído pela capacidade de articular escalas, conexões e representações, e o uso de mapas nas aulas de História proporcionam o entendimento de diferentes processos territoriais para os variados contextos históricos. Dessa maneira, o trabalho com mapas potencializa a interdisciplinaridade e possibilita que os estudantes desenvolvam competências cognitivas mais complexas, como o pensamento espacial, a análise temporal e a construção de narrativas históricas contextualizadas, pois esse conceito é estruturado por princípios como localização, diferenciação, conexão, distribuição e escala, que auxiliam aos estudantes interpretarem fenômenos históricos, considerando fatores geográficos, desigualdades territoriais e interações espaciais (PEREIRA, 2024; CASTELLAR, 2024; NOVA ESCOLA, 2017).

METODOLOGIA



Este texto apresenta reflexões, baseadas em observações e acompanhamento das aulas de História, análise dos mapas utilizados nas aulas, e registros reflexivos (que buscavam entender os objetivos e resultados de cada aula, a partir da utilização de diferentes mapas) entre a docente supervisora do IFBA-PS e estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Sul da Bahia - PIBID-UFSB, das aulas de História dos 1ºs anos do Ensino Técnico Integrado no Instituto Federal da Bahia, Campus Porto Seguro, nas quais, é comum a utilização de mapas, na busca da construção do raciocínio geográfico para a formação do conhecimento histórico, proporcionando o uso crítico e interdisciplinar de mapas no ensino de História e enriquecendo a leitura do passado.

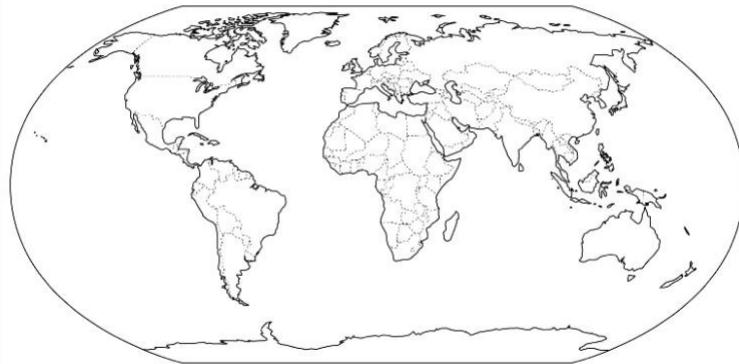
Após várias aulas, a docente supervisora promoveu espaços de discussão, incentivados pelas observações dos estudantes bolsistas, acerca das potencialidades metodológicas do uso de mapas nas aulas de História. Esses debates contribuíram para a escrita e o desenvolvimento do presente texto, que resulta da análise da prática docente e dos materiais didáticos utilizados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para começar, um mapa. A primeira aula de História das primeiras séries do Ensino Técnico Integrado ao Médio do IFBA, apresenta como um dos materiais didáticos um mapa. A justificativa que a professora apresenta para começar a aula de História com um mapa, sustenta-se em saber que, tudo que aconteceu e que a História estuda, acontece em algum lugar, portanto, é fundamental conhecer a localização, as distâncias, as conexões, articulando o tempo e o espaço. No começo é explorado o que se sabe sobre os espaços que estão e como estão dispostos no conhecido *Mapa Mundi*⁶.

Figura 1: Imagem de atividade com mapa

⁶ Um tipo de mapa que representa toda a superfície do planeta Terra, incluindo continentes, países, mares e oceanos, em um plano reduzido. Mapa da superfície total da Terra, com os dois hemisférios projetados lado a lado no mesmo meridiano. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/poR5j/mapa-m%C3%A9rido/>.



Fonte: Material didático, História, IFBA-PS, 2025.

A aula se desenvolve na perspectiva de estimular as(os) estudantes a buscarem reconhecer os espaços nos quais se estuda os diferentes eventos históricos. Essa primeira aula explora a estratégia de desconstrução dos mapas, como objeto de estudo da Geografia (HARLEY, 1989, 2005), a qual aborda a não neutralidade dos mapas, mas sim carregam relações de poder. Essa discussão é especialmente desenvolvida nos estudos de cartografias pós-coloniais e cartografias sociais, que buscam revelar e reverter a imposição de uma cultura sobre outra. Embora não dialogue com essa abordagem, a prática do uso dos mapas nas aulas de História, assunto do qual se ocupa este texto, também aproxima a linguagem cartográfica da teoria geográfica crítica, a fim de ampliar os horizontes analíticos para compreender os mapas contemporâneos como produtores de mundos e políticas espaciais.

Nessa perspectiva, evidencia-se a relevância de analisar como as imagens cartográficas, ao refletirem visões culturais, influenciam nossa forma de imaginar e representar o espaço (MASSEY, 2008). Um exemplo disso é a recorrente centralidade da Europa nos mapas-múndi, frequentemente associada a abordagens históricas de caráter eurocêntrico. Uma questão suscitada também neste momento, ao trabalhar com o mapa-múndi, refere-se às diferentes possibilidades de estudo dos espaços geográficos. Por exemplo, o mapa do IBGE, que posiciona o Brasil e a América no centro do planisfério, oferece uma oportunidade para discutir as convenções da cartografia, evidenciando como escolhas de centralidade e projeções cartográficas refletem perspectivas culturais e políticas sobre o espaço. Essa reflexão permite que os estudantes compreendam que os mapas não são representações neutras, mas instrumentos que influenciam a forma como percebemos e interpretamos o mundo. No ensino de História, essa abordagem pode ser articulada ao uso de mapas e outras fontes visuais,





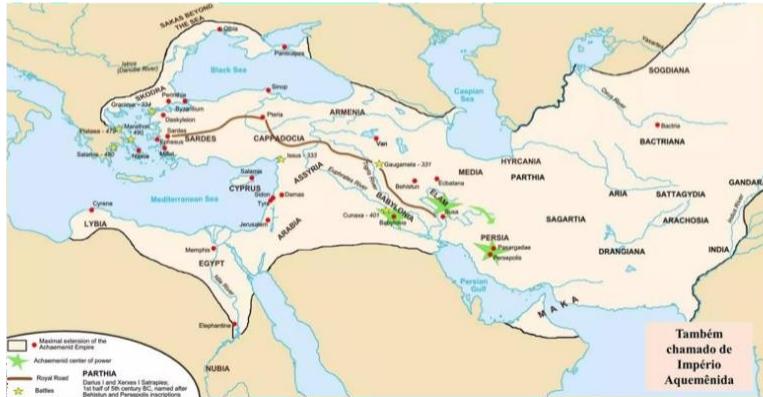
possibilitando compreender, por exemplo, por que as civilizações dos grandes rios são classificadas como civilizações da Antiguidade Oriental, mesmo que incluam o Egito, situado no continente africano. Esse exercício também favorece o debate sobre as diferentes denominações — como Oriente Próximo, Oriente Médio e Extremo Oriente — e suas transformações políticas ao longo do tempo. Conforme destacam Lins e Pina (2022), a leitura crítica de mapas e mapas históricos contribui para o enfrentamento de visões eurocentradas e para a ampliação da consciência histórica, incorporando as perspectivas de povos dominados e colonizados.

A sequência das aulas mantém o uso de diferentes mapas, configurando-se como uma estratégia didática eficaz para aproximar os estudantes da construção do pensamento histórico e da compreensão dos processos sociais e territoriais. No contexto do Ensino Médio, o uso de mapas no ensino de História oferece um campo fértil para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, estimulando competências previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a interpretação crítica de fenômenos espaciais e temporais (BRASIL, 2017; NOVA ESCOLA, 2017). Esse uso transcende sua função técnica e cartográfica, incorporando outras dimensões simbólicas, culturais e imaginárias (Romagnoli, 2024). De forma convergente, Fonseca (2018) defende que o uso de mapas em sala de aula aproxima o estudante da narrativa espacializada dos acontecimentos, articulando tempo e espaço históricos.

Uma das aulas apresentadas neste texto será sobre três povos das Civilizações da Antiguidade Oriental: fenícios, hebreus e persas. Essa aula está situada no segundo trimestre do ano letivo e ela trata de um bloco de civilizações que apresentam aspectos em comum, e outros aspectos que as destaca com suas particularidades. E para entender o contexto histórico dessas civilizações, é muito importante compreender o espaço e região que ocupam - o Oriente Próximo, ou Oriente Médio, como é chamada atualmente a região. A atividade a seguir é utilizada para abrir o conteúdo desse bloco de civilizações:

Figura 2: Imagem de atividade com mapa





Fonte: Material didático, História, IFBA-PS, 2025.

A atividade escolhida para introduzir o estudo das civilizações fenícia, hebraica e persa foi elaborada a partir de um mapa físico do Império Persa, impresso em preto e branco e distribuído a todos(as) os(as) estudantes em sala de aula. A sequência didática inicia-se com a análise da escala do mapa e do recorte espacial apresentado, contemplando os continentes representados, os principais territórios destacados e as águas navegadas e exploradas pelos povos estudados, como mares, golfos e oceanos. Em seguida, procede-se à identificação dos territórios das três civilizações, ressaltando suas proximidades e distâncias geográficas.

Nesse momento, ainda são exploradas outras possibilidades didáticas, orientadas pela professora, para que as(os) estudantes analisem, com o auxílio de plataformas ou aplicativos digitais, a configuração atual da região estudada — ou seja, suas divisões político-territoriais contemporâneas e as experiências sociais e culturais que nela se desenvolvem hoje. Por exemplo, na Antiguidade, as disputas pelo território do Oriente Próximo estavam associadas à fertilidade das terras e à proximidade dos grandes rios; atualmente, o interesse pela mesma região — hoje denominada Oriente Médio — relaciona-se à presença de recursos energéticos estratégicos, como o petróleo, e a complexos fatores geopolíticos. Essa comparação permite compreender uma mesma região em diferentes tempos históricos, reconhecendo suas transformações geográficas, políticas, culturais e ambientais.

A utilização combinada de mapas históricos e mapas contemporâneos possibilita às(os) estudantes perceberem que o espaço não é estático, mas construído e transformado pelas ações humanas ao longo do tempo. Como aponta Selva Guimarães Fonseca (2003), o ensino de História deve favorecer a compreensão da temporalidade em suas múltiplas dimensões —





X Seminário Nacional do PIBID
IX Seminário Nacional do PIBID

continuidade, permanência e mudança — e o trabalho com diferentes representações cartográficas é um meio eficaz de concretizar essa percepção. Nessa perspectiva, a leitura comparativa de mapas antigos e atuais contribui para o desenvolvimento do pensamento histórico e espacial, permitindo que a(o) estudante compreenda que cada sociedade produz seu território conforme suas relações econômicas, políticas e culturais, como também destaca Circe Bittencourt (2009) ao discutir a importância da contextualização temporal e espacial no ensino da disciplina.

Na etapa seguinte, são discutidos aspectos e características históricas de cada civilização, bem como elementos em comum entre elas. Posteriormente, exploram-se as relações estabelecidas, considerando a influência das proximidades geográficas e do contexto histórico de formação e desenvolvimento desses povos. Por fim, antes de encerrar a aula, analisa-se a extensão do território dominado pelos persas, cujo império perdurou por mais de duzentos anos, entre 550 a.C. e 330 a.C., exercendo domínio econômico e político sobre outros povos também estudados nesse momento. Fundado por Ciro, o Grande, o Império Persa chegou a se estender por três continentes, tornando-se uma superpotência da Antiguidade até ser derrotado por Alexandre, o Grande, em 330 a.C.

As aulas que utilizavam mapas como material didático tornaram-se objeto de reflexão crítica, a partir da análise dessa prática nas aulas de História, tornando-se também alvo de debate coletivo, pois ali eram identificadas estratégias que favorecem a compreensão dos processos históricos e espaciais, promovem a interdisciplinaridade e ampliam as possibilidades de aprendizagem. Na aula descrita anteriormente, foi possível apreender o conhecimento histórico em seu espaço e tempo, pois o uso do mapa físico do Império Persa permitiu aos estudantes situar as civilizações fenícia, hebraica e persa em seu contexto geográfico e temporal. A atividade favoreceu a compreensão de como a localização dos territórios, rios, mares e continentes influenciou o desenvolvimento político, econômico e cultural dessas sociedades, promovendo a percepção de suas dimensões espaciais.

A identificação dos territórios das três civilizações e a análise da extensão do Império Persa possibilitaram que os estudantes desenvolvessem a habilidade de comparar mapas de diferentes períodos, observando mudanças nas fronteiras e expansões territoriais. Esse exercício fortaleceu a capacidade crítica de analisar a dinâmica espacial ao longo do tempo e os efeitos de fatores históricos sobre o espaço. Ao explorar a escala, o recorte e os elementos do mapa, os estudantes foram introduzidos ao desenvolvimento da cartografia e à maneira como a representação do espaço pode refletir prioridades culturais, políticas e econômicas em diferentes épocas.





A atividade, que utilizou um mapa temático apresentando o Império Persa, permitiu relacionar aspectos históricos — como expansão territorial, comércio e conflitos — com a geografia do espaço estudado, evidenciando rotas comerciais, zonas de influência e áreas de interação entre povos, permitindo a correlação direta entre fenômenos históricos e geográficos. Embora tenha sido realizada com mapas impressos, a atividade pode ser expandida com o uso de plataformas digitais e geotecnologias, como ferramentas de mapeamento interativo, que possibilitam visualizações dinâmicas, comparações temporais mais precisas e análises espaciais detalhadas. Essa abordagem ainda permite pensar a região na contemporaneidade, ampliando a compreensão das civilizações do passado até os países localizados atualmente nesses territórios. Em todos os casos, a atividade integrou Geografia e História ao relacionar localização espacial, proximidade entre civilizações e processos históricos, promovendo uma abordagem interdisciplinar que enriquece o aprendizado.

Para terminar, pensar um mapa. A professora de História destaca em suas análises, inclusive em sala de aula com seus estudantes, que um dos objetivos da ampla e recorrente utilização de mapas nas aulas de História é o desenvolvimento do raciocínio geográfico, considerado um caminho eficaz para a construção de habilidades analíticas e críticas. Isso porque promove a compreensão da relação entre espaço e tempo, ampliando a consciência histórica e geográfica, combatendo narrativas hegemônicas e fortalecendo uma visão plural e inclusiva da história. No caso da aula em análise, tal prática possibilita, sobretudo, que em momentos posteriores — nos quais algumas dessas antigas civilizações sejam retomadas em diferentes contextos — os(as) estudantes consigam pensar o espaço mesmo sem a presença física de um mapa, seja impresso ou projetado em tela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto sintetiza os efeitos didáticos do uso de mapas no ensino de História, resultando de uma análise sistemática e compartilhada da prática docente e dos estudantes do PIBID. A utilização de mapas e atividades visuais demonstra-se uma estratégia metodológica eficaz na articulação do conhecimento histórico, da análise espacial e da interdisciplinaridade. Ao combinar a leitura crítica de mapas, a exploração do contexto geográfico e o estudo das interações entre povos, as(os) estudantes são estimulados a compreender os processos históricos em sua complexidade temporal e espacial. Nesse sentido, o uso de mapas em sala de aula aproxima os estudantes da narrativa espacializada dos acontecimentos, articulando tempo e espaço históricos. Ao possibilitar a visualização da distribuição territorial de povos, impérios e rotas, os mapas permitem perceber que a História não se limita a uma sucessão

cronológica de



fatos, mas envolve também dimensões espaciais que condicionam e são condicionadas pelas ações humanas. Essa **espacialização dos processos históricos** favorece a construção de análises mais complexas, ao relacionar contextos temporais aos territórios em que se desenvolveram.

Os mapas, quando utilizados também como fontes, possibilitam o desenvolvimento de capacidades analíticas e cognitivas (FONSECA, 2018). Além disso, o emprego de ferramentas digitais e de mapas temáticos amplia as possibilidades de investigação, tornando o aprendizado mais dinâmico, interativo e conectado às múltiplas dimensões da história e da cultura material. Essa perspectiva dialoga com as experiências desenvolvidas nas aulas de História no âmbito dos Cursos Técnicos Integrados do IFBA-PS, em que diferentes mapas têm sido utilizados para explorar conhecimentos históricos e potencializar a leitura de representações espaciais (LUZ NETO; LEITE, 2020), reconhecendo que a cartografia escolar é também política, simbólica e cultural (RICHTER, 2024).

O raciocínio geográfico e seus princípios oferecem às(os) estudantes categorias para interpretar o espaço de maneira crítica e contextualizada. Quando aplicados ao ensino de História, esses princípios tornam-se essenciais para a análise de fenômenos como migrações, conquistas territoriais, transformações econômicas, disputas políticas, bem como das relações de poder, desigualdade e pertencimento inscritas nos territórios (CALLAI, 2013).

O trabalho com mapas amplia o potencial pedagógico da História, ao promover a interdisciplinaridade com a Geografia, desenvolver habilidades de interpretação de fontes visuais e estimular o pensamento crítico sobre os processos sociais em múltiplas escalas. Ao relacionar mapas de diferentes épocas e refletir sobre os fatores que motivaram disputas ou transformações territoriais, a prática pedagógica não se limita ao ensino de conteúdos; ela promove o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica, capaz de articular passado e presente e evidenciar as continuidades e rupturas nas dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldam os territórios. Nesse processo, a História é apreendida de forma espacializada e integrada, incentivando as(os) estudantes a elaborar narrativas que conectam tempo, espaço e sociedade, consolidando uma compreensão mais crítica, plural e problematizadora do passado e do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 05 ago. 2025.



CUNHA, Leonardo F. F. da; FARIA, Ricardo C. de. O raciocínio geográfico na BNCC: uma perspectiva inovadora no ensino de Geografia. **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 73–84, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/GIRAMUNDO/article/view/3819>. Acesso em: 05 ago. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FONSECA, Daniel. **Cartografias do sensível: usos e sentidos dos mapas no ensino de história**. In: SEMINÁRIO NACIONAL FAZENDO GÊNERO. Anais [...]. Realize Editora, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/sinapro/2018/TRABALHO_EV118_MD2_SA4_I_D220_09042018234433.pdf. Acesso em: 5 ago. 2025.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GIRARDI, Gisele. **Modos de ler mapas e suas políticas espaciais**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 36, p. 85-110, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/19960>. Acesso em: 11 ago. 2025.

GIROTTI, Eduardo. O raciocínio geográfico no ensino de História: possibilidades e desafios. **Revista Espaço e Tempo**, n. 19, p. 45-60, 2015.

HARLEY, Brian. **A nova história da cartografia**. Brasília: UNESCO, 1991.

LINS, Geyza dos Santos; PINA, Eduarda Lima. Ensinar história com mapas: um caminho possível para o fortalecimento da consciência histórica escolar. **Revista L@hige**, Ilhéus, v. 2, n. 4, p. 31-45, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/rlahige/article/view/4075>. Acesso em: 5 ago. 2025.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch; CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Fundamentos do raciocínio geográfico e educação geográfica brasileira. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 14, n. 24, p. 05–30, 2024.

RICHTER, Denise. Cartografia crítica e educação geográfica: perspectivas contemporâneas. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 76, n. 3, p. 529–547, 2024.

ROMAGNOLI, Maria Celeste Bitarães. **Mapas e ensino de História: reflexões sobre dimensões simbólicas e culturais da cartografia escolar**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/XXXX>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SOARES, Francisco Leandro da Costa. Raciocínio geográfico: conceitos, métodos e desafios. **Conexão Com Ciência**, n. 1, v. 5, 2021. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/conexaocomciencia2021/anais/trabalhos_completos/674-66950-05072021-224622.pdf. Acesso em: 11 ago. 2025.

TREVISAN, Rita. O que é o raciocínio geográfico e como desenvolvê-lo com seus alunos. **Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/79/o-que-e-o-raciocinio-geografico-e-como-desenvolve-lo-com-seus-alunos>. Acesso em: 11 ago. 2025.